

DUAS VISÕES PORTUGUESAS
DA URBANIZAÇÃO DE S. PETESBURGO
(1780 E 1896)

Por Victor de Sá*

1. No desconhecimento em que tradicionalmente nos mantemos no que se refere aos problemas, digamos íntimos, da vida na Rússia, nomeadamente no que diz respeito às fases de crescimento da sua antiga capital imperial, não será de todo descabido introduzir o tema nesta reunião que privilegia os aspectos e problemas do urbanismo.

E não sendo eu um especialista neste tema, também não se estranhará que me incline para as perspectivas históricas que se possam colher. Nem tão pouco que seja sobre uma cidade tão distante, e do tempo do império czarista. A verdade é que apesar da distância quilométrica e do nosso geral desconhecimento, até houve um português ligado à construção daquela cidade, em princípios do século XVIII (1703).

Embora pouco lembrado, é sabido que nesse arrojado empreendimento de Pedro-o-Grande, o imperador ocupou um nosso compatriota, António Manuel Luís Vieira, em funções preponderantes. Tendo-o conhecido na sua viagem de 1697 à Holanda e à Inglaterra, no regresso levou consigo esse jovem e ágil grumete, a quem terá confiado funções de responsabilidade no ordenamento da nova cidade, pelo que viria a

* Trabalho apresentado no Colóquio «Urbanismo no Séc. XVIII», em Lisboa, Novembro 1991, promovido pela Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, na Biblioteca Nacional.

atingir a dignidade de conde, o conde Vieira, e também de Generalíssimo Primeiro do Mar e Regedor de Justiças. Com a morte do imperador em 1725, foi exilado para o extremo oriental da Sibéria, onde também participou em obras de um novo porto no Pacífico (Okhotsk). Passados quase vinte anos pôde regressar, com a subida ao poder (1741) da filha de Pedro-o-Grande, Imperatriz Isabel, que lhe restituiu as dignidades e o nomeou director da polícia, cargo em que a morte o colheu pouco depois.

A despeito desta surpreendente participação de um compatriota nosso no ordenamento da nóvel cidade, não seriam frequentes os contactos portugueses com aquela capital. Ao longo do século XVIII, segundo Rómulo de Carvalho¹ terão ido à Rússia uns 40 portugueses (entre eles os Abades Tomás da Silva Avelar e Vicente de Oliveira Durão, em 1724; o príncipe Manuel, irmão de João V, em 1730; o sábio médico Ribeiro Sanches, que na Rússia se instalou a partir de 1731; do Duque de Lafões em 1774²; e, mais tarde, os militares Gomes Freire de Andrade e Pamplona Corte Real que, entre 1788 e 1791, participaram numa guerra contra a Turquia, ao lado do General Potenkine).

Embora raros, os contactos entre portugueses e russos eram amigáveis e encaminhavam-se para o estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas directas. Estas, porém, só vieram a estabelecer-se em 1780 (com Francisco José da Horta Machado, deslocado de Haia no tempo da nossa Maria I, e o conde alemão William Nosseldorf, nomeado por Catarina II). No ano seguinte demandará as costas portuguesas a primeira esquadra russa, ano em que será constituída em S. Petesburgo uma Casa Portuguesa de Comércio. Em 1782 será estabelecido o Tratado de Neutralidade da Armada, sob pressão de Catarina II.

2. Das viagens comerciais marítimas que nesse ano se intensificaram, temos uma curiosa descrição da cidade de S. Petesburgo observada por um praticante da Aula Náutica do Porto, António José Luís Pereira, nomeado pela Companhia do Alto Douro para seguir na corveta Pérola. Testemunha o que era ainda a primeira edificação da capital, iniciada apenas há sete décadas.

Saído do Porto a 3 de Maio e regressado a 12 de Setembro de 1780, permaneceu 40 dias no canal de S. Petesburgo (rio Adigue, braço do Neva) e 8 a observar a cidade, portanto no tempo das noites brancas, como hoje diríamos.

¹ Relações entre Portugal e a Rússia no Século XVIII, Sá da Costa, 1979.

² Neste mesmo ano de 1774 é fundada a Academia Real de Ciências de Lisboa, à qual é enviada pelo poeta Sumarkov uma saudação em que se lê: «O Sol que ilumina a Rússia é o mesmo que ilumina Portugal».

Depois de descrever as formalidades para a descarga dos vinhos que levava a bordo, começa por observar o grande Armazém em madeira com cobertura de tábuas, onde se obtém o necessário para o sustento dos navegantes. Lá se encontram «infinitas embarcações estrangeiras» vindas ao longo do ano de «mais de 800 diferentes Reinos» — diz ele —, com uma parte reservada só para embarcações russas que é a Ribeira das Naus.

«Principia neste Adigue — descreve — um cerco de muralha feita de madeira desde o extremo da ilha («Constrate») até meio dela», com 24 peças de artilharia, umas de ferro, outras de bronze, à distância de 4 léguas da Corte. «Na terra firme do Sul tem duas cidades pequenas, e do Norte uma vila». Vê-se portanto que a zona meridional é mais importante que a setentrional.

Como primeira grande fronteira da ilha há um enorme palácio em tijolo, onde funcionam Aulas de artes liberais e as Escolas de Gramática, Engenharia, Arquitectura, Música, Náutica e a Academia, de onde saem os oficiais para serviço do Império.

Há também outros Palácios de Ofícios militares, Arsenais da Contadoria do Império e Casa da Alfândega, cujas paredes são de madeira com frinchas calafetadas e cobertas com tábuas, mas sem sobrados. Só algumas destas casas são telhadas por telhas ou folhas de ferro. Alguns palácios assentam em alicerces de pedra, com paredes de tijolo e são rebocadas a cal, com vidraças nas janelas.

Observa que há também grande número de lojas com fazendas de todas as qualidades, tanto nacionais como estrangeiras.

Quanto a edificações religiosas, refere que, dos quatro templos russos que encontrou, dois têm paredes de madeira, telhados de tabuado, com torre e muito bons sinos; um é dos Arménios, e outro, o principal, é construído com tijolo e telhado com folhas de ferro.

Na ilha não há chafarizes, a água que se bebe é do rio ou de alguma cisterna. O chão é plano e sem ladrilhos, em terra batida, com alguns passadiços de madeira por causa da chuva. Na parte norte da ilha há uma trincheira feita de paus e terra com artilharia de ferro.

Na continuação do seu Relatório, depois de descrever formas de vestir e de alimentação, bem como as unidades de peso, medida e dinheiro (em prata e papel), fala da Bolsa, «onde à uma hora da tarde de cada dia se juntam todos os homens da praça e comerciantes, que entre si ajustam as compras e vendas», fechando às 3 horas. Esta Alfândega ocupa um grande terreno e, à borda do rio, dispõe de um cais em madeira.

Nota que há muitas ruas largas de uma légua e mais compridas, pavimentadas com seixos pequenos, que no verão são regadas.

Nota ainda que há grandes casas e palácios com rico e vistoso ornato. Diz que junto à Capela Romana Católica está a construir-se outro

templo com paredes de tijolo; e conta que há um convento de frades, tendo ouvido que também há um de freiras.

Nas partes divididas pelo rio há cais de pedra de cantaria com varandas de ferro.

Considera o palácio da Imperatriz (Catarina II, czarina entre 1762, quando manda matar o marido Pedro III, e 1796) admirável tanto pela sua grandeza como pela decoração. De planta quadrada, com três pisos, varandas e janelas de sacadas com vidraças, telhado de cobre, cercado por lampiões, como nas ruas da cidade, que à noite são acesos. A Oeste do palácio há um braço longo do rio, e uma fortaleza em frente com uma grande torre dourada. Não lhe refere o nome, mas são as fortalezas Pedro e Paulo. Junto fica a Ribeira das Naus onde se fabricam as fragatas, e um palácio real, seguindo-se uma grande ponte de barcas com largura que permite a passagem de três carrinhas a par. Próximo da ponte é a grande rua do interior da cidade, onde se acham as melhores casas comerciais. Também não lhe refere o nome (avenida Nevski).

Há recreios de quintas, como a do Príncipe que «é muito agradável, e o de que mais me recordo — diz ele — é o ver cercada de grades de ferro grossas, com muitas ruas e passeios de sombras com repuxos pelo meio; tem um viveiro de peixes e outro de pássaros; tem pelas ruas do passeio muitas figuras de mármore branco; tem alpendres para jogos; mas não tem qualidade alguma de flor, murta ou árvores frutíferas, e as que tem, suposto que infrutíferas, são vistosas e engraçam muito pela ideia com que estão dispostas. Este jardim ou Campanha sempre está aberto para todos os Fidalgos da Corte e pessoas mais qualificadas que a ela se querem ir divertir, e nele a cada passo encontra a Nobreza da terra».

São esses, enfim, os aspectos urbanísticos que mais impressionaram o praticante aulista do Porto, António José Luís Pereira. Colheu da sua estadia de uma semana em S. Petesburgo uma visão cosmopolita, mas uma fase de urbanização, embora delineada no essencial, ainda geralmente provisória, com edificações inconsistentes, feitas com materiais anteriores à moderna industrialização.

3. Outra descrição que temos da capital do império russo data de 1896, mais de um século volvido. Trata-se de impressões colhidas por um português culto que demandou a Rússia atraído pelo que a literatura contava do seu povo. Foi o professor do Curso Superior de Letras de Lisboa e presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, Zófimo Consiglieri Pedroso, propagandista dos ideais republicanos, falecido um mês antes da proclamação da República.

Viagem feita a pretexto de levar à Sociedade Imperial de Geografia de S. Petesburgo o convite da congénere de Lisboa para se fazer repre-

sentar nas festas do centenário da Índia, Consiglieri Pedroso registou metodicamente as suas impressões, a um tempo históricas e críticas, que ficaram até hoje esquecidas nas colunas de uma revista lisboeta (Serões, entre 1903 e 1909). Esse republicano de espírito culto já previa aí que «um dia virá, sem dúvida em que a Rússia passará também pela evolução... em que as suas cidades invadidas pela onda de uma população rural que os campos já não poderão alimentar, hão-de vir engrossar em grandiosas proporções o vasto exército do proletariado internacional».

A sua visão observa portanto uma capital em franco progresso, já muito diferente da cidade primitiva que era ainda a de 1780.

Sobre a cidade de S. Petesburgo, «a menos russa de todas as cidades do império», dá-nos uma perspectiva mais próxima da sua configuração urbanística actual, já então com um milhão e meio de habitantes, «população expansiva, alegre, comunicativa». Testemunha, portanto, uma capital resultante do desenvolvimento económico e social produzido pelo desenvolvimento industrial de uma época em que o acontecimento mais determinante tinha sido a libertação dos servos em 1861.

Considera a cidade «uma das mais belas capitais da Europa, senão a mais bela de todas», com as ruas das mais largas que conhece e extensíssimas, não raro medindo quilómetros de comprimento. Regista o número de 25 mil trens de aluguer que circulavam então na cidade.

Entre as 64 praças públicas que conta, refere as do Almirantado, a do Senado e a Rasvodny como «uma admirável trilogia de sumptuosos edifícios»; na de Alexandra aponta o monumento a Catarina II mandado construir em 1873 por Alexandre II (czar de 1855 a 1881, cujo assassinato foi atribuído aos nihilistas).

Descreve a avenida de Nevsky (Névsky prospékt) como «a mais extensa, a mais larga e a mais animada de todas as grandes artérias da capital», então com 5 quilómetros de comprimento (hoje com 7) e uma largura que regula por 35 metros.

Formada por 40 ilhas, conta que a parte principal de S. Petesburgo já não fala da ilha da Cronstadt) está situada na margem esquerda do Neva e nelas se estendem muitas centenas de *dátchas*, pequenos mas originalíssimos *chalets*, vivendas «a um tempo opulentas de decoração e adoráveis de singeleza», com rés-do-chão e primeiro andar, «de janelas rasgadas e envidraçadas com elegância, por detrás das quais, entre cortinados de seda branca ou de linho alvo debruado a cores vistosas se vêem artisticamente dispostos os vasos de flores que constituem o indispensável adorno de toda a casa de campo», dominando a paisagem com a mais garrida policromia.

Descreve a catedral de S. Isaac como sendo «a mais vasta, a mais rica e a mais grandiosa igreja de S. Petesburgo». Construída primeiro em

madeira no tempo de Pedro-o-Grande entre 1710 e 1727, depois incendiada por um raio (1735), a actual, em pedra, foi edificada entre 1819 (Alexandre I) e 1858 (Alexandre II), com 16 enormes colunas monolíticas de granito vermelho da Finlândia.

Historia ainda como «o chão de S. Petesburgo, ganho há pouco tempo ainda relativamente às águas do Neva e do Golfo da Finlândia não apresentava a suficiente consistência para aguentar uma tal mole (catedral de S. Isaac), pelo que foi necessário enterrar florestas inteiras, sob forma de estacaria».

Como se vê, esta capital, embora a mesma, era já urbanísticamente nova, consolidada, intensamente povoada e embelezada. Já não era uma cidade habitada predominantemente pela nobreza, como há um século antes, mas por uma burguesia endinheirada, como se adivinha pela profusão de *dátchas* e pela ostensiva riqueza das construções monumentais da cidade, com materiais nobres como o mármore, e não provisórios como a terra batida e a madeira.

O contraponto destas duas descrições permite, assim, ficar com uma retrospectiva da edificação da cidade hoje também conhecida pela Veneza do Báltico, iniciada com a participação de um português em princípios do século XVIII; descrita em finais do século por outro compatriota que detectou uma urbe ainda aristocrática e ruralizada, digamos, uma visão da cidade feudal; e um século mais tarde já reconhecida por terceiro como uma das mais belas capitais da Europa, burguesa e com uma urbanização característica da era industrial.